

DESCONSTRUINDO A “CIDADE DORMITÓRIO”: centralidades e espaço intra-urbano de Aparecida de Goiânia

Msc. José Vandério Cirqueira Pinto

Instituto de Estudo Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás (UFG – IESA)

Campus II, Conjunto Itatiaia. Caixa Postal 131. Goiânia (GO) - Brasil

Tel.: (62) 3548 – 5331 - vanderio@hotmail.com

RESUMO

Aparecida de Goiânia, localizada na Região Metropolitana de Goiânia, recentemente passa por profundas transformações na sua estrutura intra-urbana. Nesse sentido, o principal objetivo desse trabalho é elaborar reflexões acerca dessas recentes transformações ocorridas no espaço intra-urbano, através da investigação de duas centralidades. O município em questão surgiu no sertão rural de Goiás, em 1922, através das aspirações religiosas e de interesses políticos locais. Nas décadas de 1970 e 1980, Aparecida de Goiânia obteve crescimento urbano acelerado, ligado à periferação de Goiânia. Ganhou *status* de “cidade dormitório”, conurbando-se com Goiânia, desempenhando arranjos funcionais intimamente ligados à capital. Atualmente, tem uma articulação econômica dinâmica, com estrutura intra-urbana fragmentada, múltipla e desigual, caracterizada pelas novas centralidades, territorialidades especializadas e precariedade social. Com base na análise dos dados, tem-se como principal resultado a noção de que esse município vem, gradativamente, alterando sua condição de dependência da metrópole à qual se encontra conurbada, transformando suas interações espaciais com a Região Metropolitana de Goiânia, que antes eram exercidas de forma unilateral, mas que, atualmente, se desenvolve uma interação de complementaridade, calcada na troca múltipla e complexa.

Palavras chave: Aparecida de Goiânia, espaço intra-urbano, centralidades.

ABSTRACT

Aparecida de Goiânia is located in the metropolitan area of Goiânia. The municipality is having deep transformations in the urban structure. This way, the objective of this work is to develop a reflexion about these recent transformations occurred in the urban space of Aparecida de Goiânia, through the research of two new centers. The city appeared in the rural interior of Goiás, in 1922, through religious expressions and through political interests of place. Between 1970 and 1980, Aparecida de Goiânia got accelerate urban growth, connected to suburbanization of Goiânia. Currently, Aparecida de Goiânia has a dynamic economic articulation, with urban structure fragmented, multiple and unfair, it is characterized by new centers, specialized areas and social problems. With basis in the informations and in the discussion of the phenomena that transformed the urban structure of Aparecida de Goiânia, it had like result the notion of that Aparecida de Goiânia change the condition of dependence of Goiânia where it is grouped, changing the space relations with the metropolitan area of Goiânia. Before, the space relations of Aparecida with Goiânia were exercised of strict way, but currently it develop an interaction of supplement base don the Exchange multiple and complex.

Key words: Aparecida de Goiânia, urban space, new centers.

RESUMEN

Aparecida de Goiânia, localizado en la metrópoli Goiânia, ése municipio recientemente pasa por profundas transformaciones en la suya estructura urbana. El principal objetivo de este trabajo es elaborar reflexiones acerca de esas recientes transformaciones ocurridas en el espacio urbano de recientes transformaciones ocurridas en el espacio urbano de Aparecida de Goiânia, por medio de la investigación de dos nuevos centros. Con base en una propuesta de periodización espacial y temporal, buscarse esclarecer como este municipio sufrió metamorfosis en un periodo reducido. Surgió en el interior de Goiás en 1922 por medio de las aspiraciones de la iglesia católica. En la década de 1970 y 1980 obtuvo crecimiento urbano acelerado y sin planeamiento ligado a la periferação de Goiânia. Ganó *status* de ciudad periférica, entrechocándose con Goiânia, desempeñando arreglos funcionales ligados a la capital. Actualmente, Aparecida de Goiânia tiene una nueva articulación económica, con estructura urbana fragmentada, múltiple y desigual, caracterizada por el nuevos centros y desigualdad social. Para identificar los centros, fueron realizadas pesquisas en las localidades, con la intención de producir mapas del uso del suelo urbano de los centros delimitados. Con base en la análisis de las informaciones, tienese como principal resultado la noción de que ése municipio viene, parcialmente, alterando suya condición de dependencia de la metrópoli que encontrase entrechocada, modificando suyas interacciones espaciales con la metrópoli Goiânia, que antes eram ejercidas de forma unilateral, pero que, actualmente, desarrolla una complementar basada en el cambio múltiple y complejo.

Palabras clave: Aparecida de Goiânia. Periodización. Nuevos centros.

Introdução

O principal objetivo desse trabalho é discutir a reestruturação intra-urbana de Aparecida de Goiânia, desenvolvida a partir da formação de novas centralidades. Nessa perspectiva, discute-se

Etimologicamente, o termo periferia se refere àquilo que se encontra fora da esfera, fora da *core área*, ou seja, não participa ativamente das manifestações centralizantes. Essa perspectiva corresponde à idéia de *cidade dual* ou *repartida*, debatida por Ribeiro (2000), onde dois espaços distintos se contrapõem e se relacionam hierarquicamente. Todavia, essa noção de análise não se dedica a interpretar o espaço interno das cidades através de distintas dimensões, e em considerar as diversas conexões espaciais, alavancadas por distintas territorializações. Com a noção de *fragmentação do tecido sociopolítico espacial* (SOUZA, 2005), compreende-se a cidade pela lógica de um mosaico, repartido em várias faces. A partir disso, fica delicado delimitar rigidamente onde termina o centro e onde começa a periferia. Discordando de Ribeiro (2000), existem relações integradas, que se organizam de forma conjunta, existente entre fragmentação, periferização e formação de centralidades.

De um modo geral, também não se compartilha ser as periferias ambiente de minorias (perspectiva compartilhada por alguns analistas estadunidenses e europeus). Também não se pretende propor otimistamente, nessa atual fase da fluidez de valores e da efemeridade, que as *margens e as minorias* estão de forma positiva e concreta se dirigindo aos centros, e a sociedade atual está, cada vez mais, marcada pela tolerância e convivência harmônica entre os diferentes.¹ Pelo contrário, as cidades atuais estão marcadas pela cisão entre classes, pelo jogo de micropoderes e pela articulação social desigual nos espaços geográficos.

Um autor que trata de forma espacializada as noções de margem e centro é Raffestin (1993). Ele não utiliza o conceito centro-periferia, pois segundo defende, é um conceito pejorativo, estático, e não aceita modificações. No lugar, propõe a idéia de marginalidade e centralidade. A marginalidade é produto-produtor da centralidade e vice-versa. Há uma relação funcional e relacional entre ambas as esferas, e o equilíbrio de uma depende da organização da outra, defende Raffestin (1993, p. 187).

Centralidade e marginalidade se definam uma em relação à outra e são especificamente relacionais, ou seja, podem se inverter no território, sem que o mecanismo seja questionado: a centralidade pode se tornar marginalidade e vice-versa, num dado lugar.

Raffestin (1993, p. 188) discute também as etapas de formação da lógica centralidade-marginalidade. A centralidade é instaurada quando se começa a desenvolver integradas relações centrífugas e centrípetas. Para se ter o estágio privilegiado da centralidade, é necessária a formação da nodosidade, e ela teria como base fundadora as descontinuidades e as condensações espaciais.

Nodosidade, centralidade e marginalidade estão ligadas pelos atores que as fazem e as desfazem. A nodosidade reúne os atores paradigmáticos que, se tiverem acesso à categoria de atores sintagmáticos, fundarão, se possível, uma centralidade que determinará uma marginalidade *ipso facto*. As inversões topológicas não questionam coisa alguma na estrutura relacional. Haveria, portanto, um sistema progressivo: nodosidade *versus* centralidade *versus* marginalidade, mas também pode haver um processo regressivo que vai da estruturação à desestruturação de um poder.

Trazendo para a esfera da RMG (Região Metropolitana de Goiânia), a centralidade da capital estadual produziu a marginalidade aparecidense. Conseqüentemente, no espaço intraurbano de Aparecida de Goiânia, as subcentralidades processaram uma (dês)estruturação do poder, e se impuseram frente às articulações com suas marginalidades, construindo novas lógicas centrípetas, no interior da cidade, e novas lógicas centrífugas, com a RMG.

Em Aparecida de Goiânia, da mesma forma que se mantêm elementos espaciais advindos do processo de fragmentação e periferização, mantêm-se elementos espaciais ligados à formação de centralidades, que alteram sua interação espacial com a região urbana da qual participa. Dentre os principais fatores que marcaram e marcam sua atual configuração espacial, abaixo serão destacados os principais.

a dinâmica interna do município em questão, que a poucas décadas era vista como um bolsão de pobreza, fruto da expansão urbano da capital do Estado de Goiás (Goiânia), constitutiva do processo de fragmentação da Região Metropolitana de Goiânia (RMG). O estereótipo de “cidade dormitório” que Aparecida de Goiânia adquiriu a partir da década de 1970, vem sendo gradativamente desfeito, principalmente após a década de 1990.

No período de forte expansão urbana, o espaço aparecidense passou a ser visto como constituinte de uma cidade polarizada, não exercendo relações endógenas, e estando dependente de relações exógenas, principalmente da capital estadual. Por isso, é importante visualizar Aparecida de Goiânia como um ambiente urbano que tem uma dinâmica interna constituinte de um processo de fragmentação ou periferação, caso das questões relacionadas à mobilidade, a organização da morfologia urbana, da segregação espacial, das centralidades, da oferta de equipamentos de consumo coletivos e dos espaços de lazer.

Com o intuito de demonstrar as transformações ocorridas na esfera intraurbana aparecidense, propõe-se identificar as centralidades que vêm surgindo no seu espaço urbano. Inicialmente, será discutida a estreita relação existente entre periferação, fragmentação e centralização. Posteriormente, serão abordadas as centralidades e sua importância na alteração do estereótipo de “cidade dormitório”.

Fragmentação, centralidade e periferia em Aparecida de Goiânia

Pensar Aparecida de Goiânia pela perspectiva periférica é considerar que seu espaço urbano foi constituinte de um processo intenso de fragmentação, advindo da expansão urbana ocorrida na RMG. Em contrapartida, para se discutir a fragmentação do tecido socioespacial aparecidense é importante considerar sua articulação centrípeta, com o centro de Goiânia, e sua articulação centrífuga, com suas territorialidades internas. Ao se referir a essas dimensões nota-se que a cidade em questão é muito diversificada, por isso classificá-la somente como periferia fragmentada, no sentido estrito do termo, pode-se acarretar reducionismo, pois quando se refere ao caráter marcante das periferias brasileiras, Aparecida de Goiânia se insere nesse quadro. Moura e Ultramar (1996, p. 11) destacam que as periferias “são áreas de concentração de moradias de população de baixa renda, carentes dos serviços básicos essenciais e que sofrem os efeitos de longos deslocamentos para o trabalho, o consumo e o lazer. Reforçam o ciclo da pobreza cada vez mais difícil de romper”.

Todavia, no espaço intraurbano aparecidense, se desenvolveu nas últimas décadas, uma série de transformações sócio-econômicas, caracterizando áreas tidas como periféricas, agora como novas centralidades e pólos econômicos. Desse modo, é necessário identificar onde está a periferia de Aparecida de Goiânia (não considerando cegamente como um todo urbano) e espacializar suas centralidades. Dessa forma, concebe-se a estreita relação entre centralidades, fragmentação e periferação.

Quando suscita a existência de estereótipo da periferia aparecidense pretende-se discutir justamente, seguindo os ensinamentos de Castells (2000), a reprodução de ideologias sobre seu comportamento social. Se há uma diversidade interna, não faz sentido generalizá-la em um único termo, pois é importante considerar onde se localiza sua população mais carente, onde estão as áreas mais favorecidas com infraestrutura e como se dá a questão da mobilidade pendular na cidade, possibilitando a visão de conjunto.

O termo periferia porta consigo uma carga ideológica, devido ao discurso burguês da estratificação social exercido pelo padrão centro-periferia. Lê Goff e Shimitt (2006) destacam a idéia de *imaginário periférico*, e afirmam que desde a Idade Média construíram-se concepções pejorativas e fantasiosas que se arrastam até hoje como discurso da classe dominante. Ainda na Idade Média, a periferia era vista como lugar da aversão, argumentam Lê Goff e Shimitt (2006, p. 213), “espaço de maravilhas e de horrores, [...] desértico e selvagem, ela atrai o máximo de homens [...] é um mundo do limite, da transgressão, da transição”

internas no espaço aparecidense ocorrem de forma muito recente². Há centralidades que surgiram ligadas à verticalização, shopping centers e eixos de comércio, impactando muito sua hinterlândia. Há também centralidades que se formaram ligadas a Goiânia e não à cidade a qual pertence, bem como, centralidades que surgiram ligadas à demanda dos bairros que lhe envolvem, como centros de comércio, serviços e de consumo coletivos. Na maioria das vezes, as centralidades não surgiram intimamente ligadas à decadência do centro tradicional aparecidense, e nesse caso não formaram o chamado centro expandido, pois o centro tradicional e histórico tem pouca expressão econômica e está localizado fora do eixo centralizante. As centralidades surgiram por demandas locais, promovidas pela fragmentação do tecido sociopolítico espacial.

Dentre as áreas em Aparecida de Goiânia que começam a se diferenciar, ou já se diferenciaram de forma intensa dos demais ambientes de caráter periférico, foram destacados oito recortes espaciais, que já exercem função de centralidade, ou que estão tornando-se novas centralidades.

Quadro 1: Nome, localização e principais vias das centralidades em Aparecida de Goiânia – 2008

Nº	Nome	Localização	Setores que fazem parte	Principais vias
1	Bela Vista	Região Conurbada – nordeste	Bela Vista, Lurdes, Vila Santa, Vila Brasília	Av. Bela Vista, BR – 153, R. dos Pirineus
2	Buriti	Região Conurbada – norte	Afonso, Luz, Nova Era, Vila São Tomás	Av. Rio Verde, São João
3	Centro	Região Sul	Centro, Belo Horizonte, Serra Dourada, Vera Cruz, Araguaia, Village Garavelo	Av. Independência
4	Cidade Livre	Região Sul	Cidade Livre, Colina Azul, Independência, Cristalino, Monte Cristo	Av. Independência
5	Cruzeiro	Região norte	Cruzeiro do Sul, Nova Era, São Luiz, Maria Inês, Bela Morada	Av. São João, Av. Alvorada, Av. Zoroastro
6	Garavelo	Região Conurbada – noroeste	Garavelo, Garavelo B, Tropical	Av. Igualdade, GO – 040, Anel Viário
7	Mansões/Papilon	Região Central	Mansões Paraíso, Papilon Park, Veiga Jardim, American Park	Av. Veiga Vale, Anel Viário, R. J-002
8	Vila Brasília	Região Conurbada – norte	Vila Brasília, Esmeralda, Santo Antônio, Real	Av. Tapajós, Av. Rudá, Av. São Paulo, Av. Anápolis

Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2007.

As centralidades estão divididas entre as que se encontram na região conurbada de Aparecida de Goiânia com Goiânia e as centralidades localizadas no interior da cidade. Das oito centralidades, quatro estão localizadas na zona conurbada, que são: a *centralidade Garavelo* (compreendida pelos setores Garavelo, Garavelo Residencial Park, Jd. Tropical); *centralidade Buriti* (composta pelos setores Jd. Nova Era, Vl. São Tomás, Jd. Luz e S. dos Afonso); *centralidade Vl. Brasília* (recortada incluindo os setores Vl. Brasília, Jd. Esmeralda, Pq. Real, S. Santo Antônio, Vl. Sul); *centralidade Bela Vista* (Jd. Bela Vista, N. S. de Lurdes).

Fora da região conurbada existe a *centralidade cruzeiro* (composta pelos setores Cruzeiro do Sul, Jd. Nov Era, Cid. Satélite São Luiz). Essa centralidade encontra-se muito próxima da conurbação, exercendo interações espaciais com a cidade de Goiânia. A *centralidade Mansões/Papilon* (compreendida pelos setores Mansões Paraíso, Papilon Park, Veiga Jardim) se encontra localizada na região central do município. A *centralidade Cidade Livre* (composta pelos setores Cidade Livre, Colina Azul, Independência, Jd. Cristalino e Monte Cristo), e o *Centro Tradicional* (composta pelos setores Centro, Serra Dourada, Belo Horizonte e Araguaia) exercem função de centralidade na sua localidade.

Dentre as oito centralidades citadas, a centralidades Garavelo, e Vila Brasília serão destacadas nesse trabalho, principalmente no que diz respeito à polarização e concentração de atividades econômicas. As demais centralidades estão em processo de desenvolvimento, exercem importante papel, porém pontual, onde faltam algumas atividades de serviços que garantem maior importância com relação à cidade.

- Foi uma cidade que sofreu expansão urbana seguida pela da capital estadual;
- É dotada de estrutura intraurbana fragmentada, espalhada e dispersa, e marcada pela baixa quantidade de infra-estrutura urbana;
- Apresenta alta densidade de mobilidade pendular com Goiânia;
- É dotada de acirrado processo de conurbação e integração com Goiânia;
- Apresenta densidade populacional e acelerado processo de comercialização e industrialização;
- Desenvolve centralidades voltadas à sua dinâmica interna, e outras que estão ligadas à região conurbada com Goiânia.

Delimitando as centralidades em Aparecida de Goiânia

Pouco mais de vinte anos atrás, não era comum afirmar a existência de centralidades em Aparecida de Goiânia. Atualmente, é possível identificar a formação de nodosidades e centralidades no seu espaço intra-urbano. O diferencial é que as centralidades aparecidenses apresentam funções diversas, quando se considera sua localização, densidade de atividades econômicas e formas comerciais e de consumo coletivo nelas localizadas. Elas são centralidades que servem à demanda periférica, fruto da fragmentação do tecido sóciopolítico espacial.

O termo centralidade, conforme esclarece Spósito (1998), pode representar dois padrões espaciais de polarização. Segundo a autora citada, existem as centralidades regionais, aquelas formadas pela articulação urbano-regional, pela polarização das atividades econômicas atacadistas, ligadas às dinâmicas da produção e circulação. Essas centralidades têm o caráter espacial regionalizado, através das hierarquias urbanas. Já as centralidades intra-urbanas são aquelas que exercem importância nos espaços internos das cidades. Estão ligadas às formas comerciais varejistas, à localização das classes sociais e sua mobilidade pelo espaço intra-urbano. De uma forma mais universalizante, Raffestin (1993, p. 187) afirma que

[...] a centralidade não é essa pura noção geométrica que os homens teriam inventado ou descoberto. É uma outra coisa. É, em primeiro lugar, a existência de uma coletividade soldada por ações criadoras de relações, que fundamentam diferenças específicas. O lugar sem essas relações, não passa de um lugar entre muitos outros.

Villaça (1998) dá ênfase ao termo subcentro, no lugar de centralidade, apesar de identificar uma pequena diferença entre ambos. O primeiro é uma réplica em tamanho menor ao centro, mas com os mesmos requisitos de localização e polarização, porém se formam gradativamente, ligados à substituição das funções do centro tradicional e à composição dos vários subcentros. Os subcentros geralmente se formam quando há um processo de “decadência” ou descentralização do centro tradicional, localizando-se nas bordas do antigo centro, formando o “centro novo” ou centro expandido. Côrrea (2001, p. 173 – 174) sintetiza essa diferença afirmando que “o monocentrismo vem sendo desfeito progressivamente [...] e a descentralização originou novas formas espaciais. Muitas são espontâneas como subcentros, [...] outras são planejadas como os shoppings centers e distritos industriais”.

A centralidade apresenta os mesmos requisitos dos subcentros, mas se forma de um modo mais dinâmico, rápido e fragmentado ao longo do espaço urbano (SPÓSITO, 2001). Quando surgem, logo impactam o trânsito, o consumo e a dinâmica local da mobilidade do lugar. Geralmente estão ligadas à implantação de hipermercados, shopping center, pólos econômicos, valorização imobiliária, a eixos comerciais e à novos centros de consumo.

A razão de se utilizar o termo centralidade está pautada no fato de que as transformações

As centralidades sob influência da conurbação: Vila Brasília e Garavelo

O processo de conurbação entre Goiânia e Aparecida de Goiânia é diferenciado das demais cidades da RMG. A distinção decorre de essa conurbação ser dotada de centralidades, além de apresentar forte dinâmica sócio-econômica, localizada principalmente ao longo do *eixo territorial de comando* da Avenida Rio Verde, do eixo comercial da GO – 040 e da Avenida Bela Vista.

Essas vias limitam as duas cidades. Nessa conurbação (do lado de Aparecida), encontram-se quatro centralidades (Garavelo, Vila Brasília, Buriti e Bela Vista), três hipermercados (Marcos, Bretas e Carrefour), um shopping center (Buriti Shopping), além de um shopping de vizinhança³, denominado Free Center, dois condomínios horizontais (Jardins Mônaco e Viena), um condomínio empresarial fechado (Cidade Empresarial), e uma infinidade de atividades econômicas, tendo como destaque concessionárias e *home centers*.

A Avenida Rio Verde é o mais importante eixo comercial de Aparecida de Goiânia. É denominada de *eixo territorial de comando* devido sua influência na circulação, mobilidade e polarização. Atravessa a cidade de leste a oeste, dotada de serviços, indústrias, comércios e elementos espaciais de consumo coletivo, como hospitais, terminais intra-urbanos etc.

Mas não há uma coesão em toda a Avenida Rio Verde. Ela pode ser dividida em três partes: o trecho caracterizado pela centralidade de comércio e serviços, que se estende da Vila Brasília até as proximidades do Terminal do Cruzeiro; a parte das empresas atacadistas e dos elementos espaciais especializados, que se estende das proximidades do Terminal do Cruzeiro, passando pelos condomínios horizontais e finalizando na Cidade Empresarial; e o trecho dos vazios urbanos, que se estende da Cidade Empresarial ao início da centralidade Garavelo.

A centralidade Vila Brasília foi a primeira do município. Já gozava de autonomia do centro tradicional na década de 1980, onde tinha mais população e maior diversidade de atividades econômicas, devido à influência da conurbação com Goiânia. Ou seja, a centralidade Vila Brasília foi se desenvolvendo gradativamente, obtendo função central em etapas.

Já a centralidade Buriti, segundo defende Pinto (2006), se formou com a popularização do Buriti Shopping e com o seguido processo de verticalização. No início da década de 1990, os setores que a compõem (Jd. Nova Era, Vl. São Tomás, Jd. Luz e S. dos Afonsos) ainda estavam sem asfalto, com inúmeros vazios demográficos, poucas atividades econômicas e alguns condomínios verticais de caráter popular. Atualmente, é uma das regiões mais dinâmicas da RMG, com concentrada função comercial, verticalização ascendente, alta valorização imobiliária.

Com base no mapa de uso do solo urbano da centralidade Vila Brasília, nota-se que ao longo das avenidas Tapajós (sentido leste oeste), São Paulo (sentido norte sul) e Rudá (sentido oeste leste), concentram-se as áreas comerciais e de serviços. Ao longo da Avenida Anápolis e na porção mais ao sul da Avenida São Paulo, nas proximidades do Terminal Vila Brasília, encontram-se as atividades econômicas de indústria e comércio atacadistas.

Na Avenida Tapajós, das 105 atividades econômicas, 51 são *pregões*, definindo sua paisagem urbana e caracterizando a área pela coesão comercial da venda de móveis usados. Porém, encontra-se na mesma avenida uma galeria comercial de mais de 60 lojas, um banco, academia de ginástica, autopeças, laboratórios médicos etc., e nas suas proximidades, o Hospital São Bernardo.

Ao longo da avenida Rudá, também localiza-se concentração das atividades econômicas. Nela, estão localizados dois bancos, uma universidade, um centro de capacitação profissional em informática da prefeitura municipal, um posto policial, casa de móveis, farmácias, supermercados, casa agropecuária, lojas de vestuário, clínicas médicas, escritórios de advocacia, contábeis etc., mostrando-se como um dinâmico eixo comercial.

A Avenida São Paulo é a principal ligação entre a centralidade Vila Brasília e o município de Goiânia (no sentido norte), no sentido sul a avenida liga a centralidade ao Centro Tradicional. É a principal via da centralidade. Ao longo do seu percurso, nas proximidades do Terminal Vila Brasília, predomina indústria da construção civil, como *home centers*, madeiras, marmoraria

etc. Seguindo no seu percurso para a direção norte, ocorrem a localização de centros automotivos, autopeças, centros de formação de condutores etc. Mais ao norte da via, nas proximidades dos Correios, localiza-se a diversidade comercial e de serviços, como bancos, concessionárias de veículos usados, bares e restaurantes.

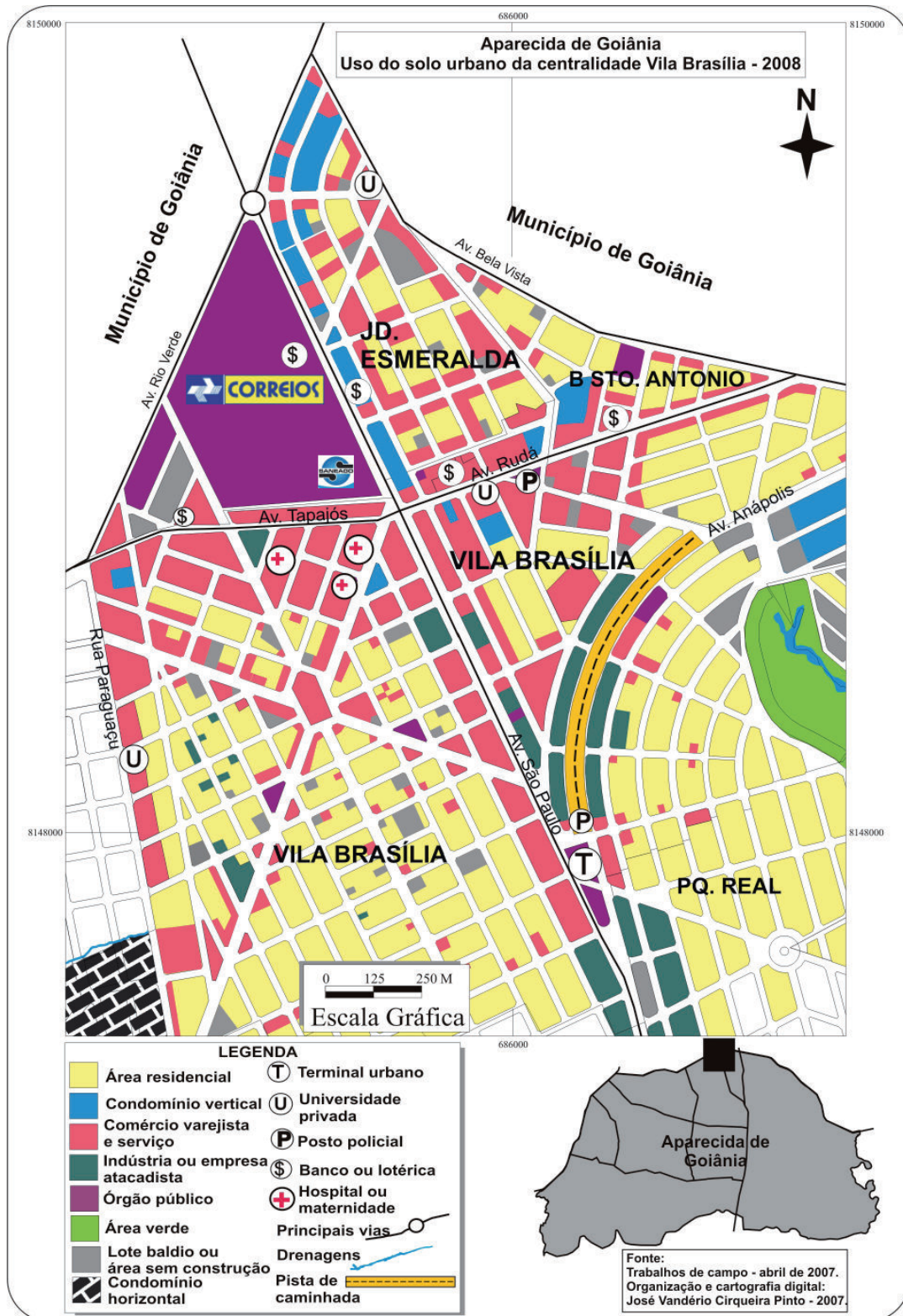


Figura 1: Uso do solo urbano da centralidade Vila Brasília – 2008

O principal destaque da centralidade Vila Brasília é a concentração comercial e de serviços. Juntamente com a centralidade Garavelo⁴, ela é uma das principais centralidades de Aparecida de Goiânia. No total, foram identificadas 425 atividades econômicas de serviços, representando 7,6% do total do município de Aparecida de Goiânia. As atividades econômicas foram agrupadas em 16 categorias distintas, desde bancos, passando por escritórios contábeis, chaveiros, universidades, moto-táxi, locadoras, serviços de segurança e limpeza, até salão de beleza.

Os serviços que mais se destacaram foram relacionados aos automóveis, como: centros automotivos, oficinas mecânicas, pintura etc., contendo 19,3% das atividades. Os serviços de lazer e alimentação também se destacaram, com 12,7%. Foram identificados, por sua vez, serviços com menor intensidade, como: serviços escolares de universidades, cursos preparatórios, entre outros; estúdio de tatuagem; academias de ginástica; serviços hospitalares etc.

Quadro 2: Atividades econômicas de serviços da centralidade Vila Brasília, em Aparecida de Goiânia – 2008

Atividades econômicas de serviços	Quantidade	%
Academia de ginástica	4	0,9
Bares, restaurantes, lanchonetes, churrascarias, pizzarias, panificadoras, sorveterias	54	12,7
Casa de jogos, <i>lan house</i> , fliperamas	16	3,8
Centro automotivo, moto-peças, auto-peças, borracharia, auto-elétrica, borracharia, auto-elétrica, lanternagem	82	19,3
Estúdio de tatuagem	3	0,7
Faculdades, escolas preparatórias e de idiomas	18	4,2
Imobiliária, advocacia, despachantes, contabilidade, construtoras	34	8
Joalheria, relojoaria, chaveiro	9	2,1
Locadoras de vídeo, filmagens de produção de eventos, revelação de fotografias	23	5,4
Manutenção em equipamentos eletro-eletrônicos e mecânicos	17	4
Salão de beleza, barbearia, clínica de estética	35	8,2
Serviços bancários, lotéricas, financiadoras	4	0,9
Serviços de fotocópias, autenticação, comunicação visual	7	1,6
Serviços de segurança e de limpeza	26	6,1
Serviços médico-hospitalares, laboratoriais, odontológicos, oftalmológicos	39	9,2
Táxi, moto-táxi, garagem, lava-jato, CFC	44	10,3
Outros	10	2,3
Total	425	100
Total centralidade/Aparecida de Goiânia (%)		7,6

Fonte: trabalhos de campo realizados por José Vandério C. Pinto – fevereiro de 2008.

No que tange as atividades comerciais, essas ocorrem em menor número: no total são 227 atividades econômicas de comércio, que representam 4,6% do total do município aparecidense. Das atividades comerciais, as que mais se destacaram foram as relacionadas à compra e venda de móveis usados, conhecidas como pregões, com 29 %; as lojas de vestuário também se destacaram, contendo 11,8% do total. As papelarias, os bazares, e as lojas de aviamentos alcançaram 11% do total. Merecem ser destacados também a importância das drogarias, supermercados, distribuidoras de gás e água, casas agropecuárias, sendo no total uma variedade de 14 tipos de estabelecimentos comerciais.

Uma outra centralidade que merece destaque em Aparecida de Goiânia é a centralidade Garavelo. Esta é a principal centralidade da cidade, no que tange seu grau de polarização e diversificação econômica. Ela se localiza do lado oposto da centralidade Vila Brasília. As duas formam as *cabeças dinâmicas* da cidade. Porém, com profundas diferenças: a Vila Brasília está integrada aos setores abastados de Goiânia, e é uma das áreas mais abastadas de Aparecida, numa contigüidade espacial do tecido urbano conurbado. Ou seja, acompanha as dinâmicas que Goiânia exerce em sua espacialidade, sendo uma centralidade *fabricada* por Goiânia, estando voltada para ela. Já a centralidade Garavelo organizou-se de forma mais autônoma. Está localizada na região noroeste de Aparecida de Goiânia, uma região de fortes desigualdades sociais, fragmentada da dinâmica conurbada, envolvida por vazios urbanos das duas cidades. Em volta dos vazios urbanos, estrutura-se

uma densa centralidade autônoma, que exerce influência em grande parte de Aparecida de Goiânia e na capital estadual.

Quadro 3: Atividades econômicas de comércio da centralidade Vila Brasília, em Aparecida de Goiânia – 2008

Atividades econômicas de comércio	Quantidade	%
Bazar, papelarias, utilidades, presentes, tecidos, aviamentos	25	11
Casa agropecuária, clínica veterinária, <i>pet shop</i>	9	3,9
Casa de carnes, verduras	9	3,9
Casa de móveis, eletro-eletrônicos	6	2,6
Concessionária de veículos, veículos semi-novos	7	3
Distribuidora de gás, água, bebidas	11	4,8
Drogarias, loja de cosméticos, farmácia de manipulação	14	6,1
Equipamentos de informática, celulares	16	7
Ferragista	10	4,4
Loja de bicicletas	4	1,7
Loja de vestuário, calçados, bolsas	27	11,8
Mercearias, supermercados, hipermercados	15	6,6
Pregões, demolição	66	29
Revistaria, banca de jornal	2	0,8
Outros	6	2,6
Total	227	100
Total centralidade/Aparecida de Goiânia (%)		4,6

Fonte: trabalhos de campo realizados por José Vandério C. Pinto – fevereiro de 2008.

Com relação às atividades econômicas, a centralidade Garavelo mostra-se fortalecida. A paisagem urbana da Av. Igualdade, o mais concentrado eixo comercial da cidade de Aparecida de Goiânia, é marcada pela diversidade comercial e de serviços. Assemelha-se aos principais eixos comerciais de Goiânia, como a Av. 24 de Outubro. Outra via importante na centralidade é a GO – 040, ou Av. Aragoiânia. Dos dois lados da via⁵, encontram-se formas comerciais, de serviços e industriais, sendo as últimas as que mais predominam, caso das gráficas, marmorarias, construção civil, entre outros.

Conforme o mapa do uso do solo urbano da centralidade Garavelo, as atividades econômicas se concentram ao longo da Av. Igualdade, da GO – 040 e do Anel Viário, sendo uma característica marcante dessa centralidade. Lá se encontram bancos, hospitais, lojas diversas. Além das avenidas citadas, as atividades econômicas são encontradas também na sua porção sul e próximo ao terminal Garavelo, no Jd. Tropical.

As atividades comerciais que mais predominam são as lojas de vestuário, calçados e bolsa, no total de 27 unidades (11,8% do total). Esses números mostram o quanto a centralidade é definida pelo comércio varejista. Outros elementos que se destacam são: os bazares, papelarias, lojas de tecidos e aviamentos, que constam com 10,4% do total. As ferragistas e as lojas de informática representam 8,5 % do total de comércio da centralidade. Com 8,1% estão as drogarias e as casas de móveis. Encontra-se também na centralidade comércio do tipo: casas agropecuárias, casa de carnes, concessionária de veículos, floricultura, loja de bicicletas, supermercados (vale destacar a importância do hipermercado Tatico), pregões, entre outros. O total dos 259 estabelecimentos comerciais foi agrupado em 16 categorias específicas. Os comércios nas Av. Igualdade, no Anel Viário e na GO – 040 chegam a 5,2% do total do município de Aparecida de Goiânia, representando a forte polarização da centralidade.

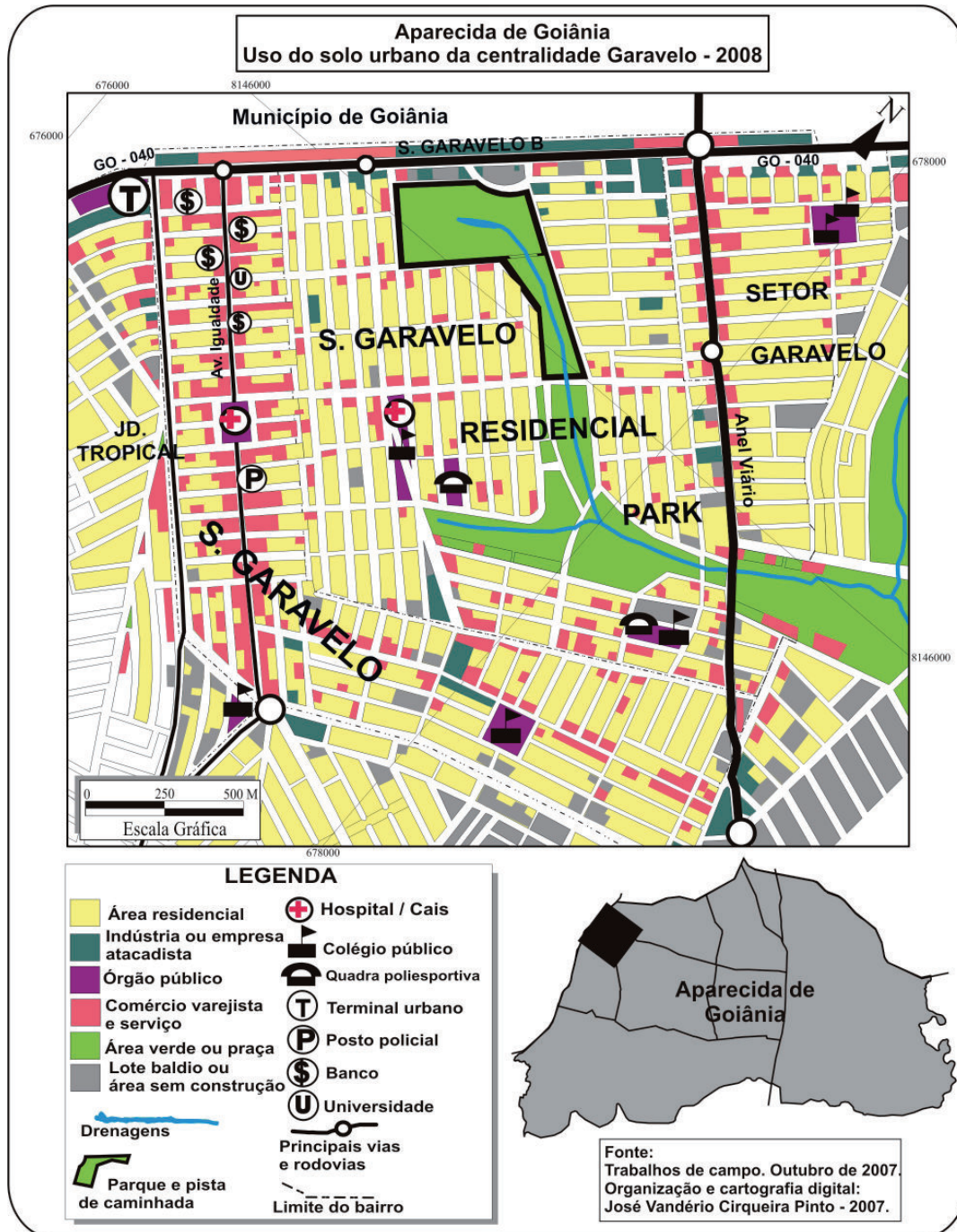


Figura 2: Uso do solo urbano da centralidade Garavelo – 2008.

Quadro 4: Atividades econômicas de comércio na Av. Igualdade e GO – 040, no S. Garavelo, em Ap. de Goiânia – 2008

Atividades econômicas de comércio	Quantidade	%
Bazar, papelarias, utilidades, presentes, tecidos, aviamentos	27	10,4
Casa agropecuária, clínica veterinária, pet shop	14	5,4
Casa de carnes	8	3,1
Casa de móveis, eletro-eletrônicos	21	8,1
Concessionária de veículos, veículos semi-novos	12	4,6
Distribuidora de gás, água, bebidas	5	1,9
Drogarias, loja de cosméticos, farmácia de manipulação	21	8,1
Equipamentos de informática, celulares	22	8,5
Ferragista	22	8,5
Floricultura	3	1,1
Loja de bicicletas	4	1,5
Loja de vestuário, calçados, bolsas	27	10,4
Supermercados, hipermercados	6	2,3
Prêgoes	8	3,1
Raizeiro	3	1,1
Revistaria, banca de jornal	4	1,5
Outros	10	3,9
Total	259	100
Total centralidade/Aparecida de Goiânia (%)	5,2	

Fonte: trabalhos de campo realizados por José Vandério C. Pinto – julho de 2008.

Diferentemente da centralidade Vila Brasília, onde os serviços superam, e muito, o comércio, na centralidade Garavelo, os serviços superam pouco o comércio. Existem 292 estabelecimentos de serviços ao longo da Av. Igualdade, do Anel Viário e da GO – 040, representando 5,2% do município de Aparecida de Goiânia. Os tipos de serviços que mais predominam são aqueles relacionados aos centros automotivos, representando 23,3% do total da centralidade. Com 20,9% os bares, restaurantes etc., também representam destaque. Os serviços médico-hospitalares chegam a 11,6%, e os salões de beleza representam 8,2% do total. Os estabelecimentos de serviços foram agrupados em 16 categorias distintas, dentre essas se encontram: lan house, uma faculdade, escolas preparatórias e de idiomas, joalheria, locadoras, motéis, posto de gasolina, bancos, financiadoras, empresas de segurança, táxi, moto-táxi etc.

Quadro 5: Atividades econômicas de serviços na Av. Igualdade e GO – 040, no S. Garavelo, em Ap. de Goiânia – 2008

Atividades econômicas de serviços	Quantidade	%
Bares, restaurantes, lanchonetes, churrascarias, pizzariás, panificadoras, sorveterias	61	20,9
Casa de jogos, lan house, fliperamas	9	3,1
Centro automotivo, moto-peças, auto-peças, borracharia, auto-elétrica, borracharia, auto-elétrica, lanternagem	68	23,3
Faculdades, escolas preparatórias e de idiomas	7	2,4
Imobiliária, advocacia, despachantes, contabilidade, consultorias, construtoras	13	4,4
Joalheria, relojoaria, chaveiro	12	4,1
Locadora de equipamentos industriais	2	0,7
Locadoras de vídeo, filmagens de produção de eventos, revelação de fotografias	12	4,1
Motéis, hotéis	3	1,1
Posto de gasolina	5	1,7
Salão de beleza, barbearia, clínica de estética	24	8,2
Serviços bancários, lotéricas, financiadoras	7	2,4
Serviços de fotocópias, autenticação, comunicação visual	9	3,1
Serviços de segurança e de limpeza	26	9,0
Serviços médico-hospitalares, laboratoriais, odontológicos, oftalmológicos	34	11,6
Táxi, moto-táxi, garagem, lava-jato, CFC	19	6,5
Vidraçaria	4	1,4
Total	292	100
Total centralidade/Aparecida de Goiânia (%)	5,2	

Fonte: trabalhos de campo realizados por José Vandério C. Pinto – julho de 2008.

Desconstruindo o estereótipo de “cidade dormitório”

Diante do que foi discutido, não é mais cômodo afirmar que a função de Aparecida de Goiânia seja estritamente de uma “cidade dormitório”. Com essa colocação não se tem a pretensão de concluir que não existam relações de dependência ou de complementaridade entre o município de Aparecida e o de Goiânia. Pelo contrário, continuam a existir relações estreitas entre ambas, interações mais acirradas do que antes, porém com outros condicionantes qualitativos. Não é possível Aparecida e Goiânia deixarem de exercer relações de dependência e complementaridade, pois estão

conurbadas, fazem parte de um mesmo agrupamento urbano e são produto/produzidor uma da outra.

Essa relação de troca entre as cidades deve ser encarada como um fenômeno fundamental, pois os espaços geográficos por serem fruto das ações sociais são dotados da necessidade de interações espaciais, conforme defende Corrêa (1997). O que não deve haver nessa relação de troca é a profunda dependência de uma cidade sobre a outra. Essa dependência é maléfica para ambas as cidades, pois exigem dos cidadãos marginalizados se deslocarem longas distâncias em busca de centros e de benefícios.

O estereótipo de “cidade dormitório” nasce quando a cidade não consegue gerar empregos, ou dar condições de uso dos serviços de escolas, hospitais, lazer etc. Desse modo, o cidadão acaba buscando esses serviços em outra localidade, voltando para sua residência somente para dormir. Esse fenômeno é comum nos assentamentos periféricos brasileiros, especialmente nos espaços metropolitanos polarizados pelas capitais que concentram grande oferta de serviços e empregos. Por isso a ausência de centralidades esteve estreitamente ligada ao epíteto de “cidade dormitório”. A título de exemplo, as novas centralidades em Aparecida de Goiânia inibem essa dependência que os cidadãos tem de se dirigirem à Goiânia, porém, elas ainda se apresentam com deficiência, no que se refere aos serviços básicos.

O importante é perceber que por muito tempo o poder público aparecidense não encarou o problema da dependência de Goiânia como uma questão preponderante na reprodução da exclusão e das desigualdades sociais. Atualmente esse problema está sendo encarado com maior frequência, mas muito ainda deve ser feito e com maior teor qualitativo, sendo necessário a eliminação dessas políticas superficiais.

O município investe na promoção da imagem da cidade, com a produção de eventos de cunho nacional, na elevação da alta estima dos aparecidenses⁶, que foi deteriorada, devida sua condição de periferia marcada por problemas urbanos. Investe também na infra-estrutura urbana básica, que por muito tempo foi esquecida, e de forma tímida (e é o mais importante), na ampliação dos objetos de consumo coletivo, como escolas, postos de saúde, hospitais, universidades, centros de capacitação profissional etc. Mas, o investimento maciço do poder público se volta à geração de empregos. No ano de 2008 a cidade ganhou o prêmio de uma das cidades mais dinâmicas do Brasil, estando entre as que mais geraram trabalho (ver Jornal O Parlamento, 16 de julho de 2008).

Segundo a matéria do Jornal Tribuna do Planalto, de 12 de julho de 2008, a geração de empregos em Aparecida de Goiânia só perde para a capital estadual. Aparecida é a cidade do interior goiano que mais gera empregos. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED, no mês de março, por exemplo, foram criados 4.179 novos postos de trabalho, perdendo apenas para Goiânia que registrou 14.928. Em junho de 2008, Aparecida de Goiânia foi o 16º município do país em geração de emprego. O destaque ficou com a construção civil, que gerou 566 vagas. No acumulado do ano, incluindo outros setores, são 4.763 vagas. Grande parte dos empregos industriais são gerados nos cinco pólos econômicos, fortalecendo ainda mais a propalada *vocação industrial* do município. Deve-se considerar a importância das centralidades, que são as maiores responsáveis pela geração de emprego. O fortalecimento das centralidades aparecidenses desconcentra de Goiânia o papel de e exclusivo centro de serviços.

O fator mais marcante da desconstrução do padrão “cidade dormitório” em Aparecida de Goiânia está ligado à concentração das atividades econômicas. Existem áreas na cidade pouco ocupadas, onde cidadãos residem segregados de qualquer serviço básico. Outros locais concentram todo tipo de atividades necessárias ao cidadão, porém, em sua maioria, estão localizadas na zona conurbada com Goiânia, continuando a segregação.

Para se ter uma idéia, 17,6% de todas as atividades econômicas cadastradas em Aparecida de Goiânia estão localizadas no centro tradicional, na centralidade Buriti, Garavelo e VI. Brasília (PINTO, 2006). Das citadas, somente o centro não está localizado na zona conurbada, região fortemente integrada à dinâmica de Goiânia. 14,4% das indústrias estão nessas centralidades citadas, o restante localizam-se em larga escala nos cinco pólos econômicos, e ao longo da BR – 153. Com

relação às atividades de comércio, as centralidades em destaque concentram 15,5% das unidades do município. E 19,8% das atividades econômicas de serviços estão localizadas em quatro centralidades: Centro, Garavelo, Buriti, Vl. Brasília.

Quadro 6 – Ap. de Goiânia: atividades econômicas das centralidades Buriti, Centro, Garavelo e Vila Brasília – 2008

Centralidade	Total	Comércio	Serviços	Indústria
Buriti	447	199	248	-
Centro	224	80	144	-
Garavelo	613	259	292	62
Vila Brasília	749	227	425	77
Total das centralidades	2033	763	1109	139
Aparecida de Goiânia*	11513*	4936*	5613*	964*
Centralidades/Aparecida de Goiânia (%)	17,6	15,5	19,8	14,4

Fonte: Trabalhos de campo realizados por José Vandério Cirqueira Pinto – 2008

* Dados referentes à contagem do IBGE de 2007.

Mas a luta por maior autonomia de Aparecida de Goiânia não deve ser apenas objeto de propagandas partidárias, de especulações oportunistas da iniciativa privada, deve ser uma necessidade almejada pelo aparecidense, que procura maior qualidade de vida, inclusão, e oportunidade de trabalho. A autonomia do município depende do engajamento do cidadão e da efetiva ação do poder público. Não é somente fomentar as centralidades e a industrialização, deve-se promover qualidade de vida.

Considerações Finais

Retornando-se ao estudo das centralidades de Aparecida de Goiânia, entende-se o seu presente, podendo desse modo, sinalizar propostas para seu futuro. Enquanto passado e presente, o espaço urbano de Aparecida de Goiânia é produto da fragmentação, desarticulação e periferização espontânea. Enquanto futuro, é um espaço urbano que necessita de desenvolvimento social, e da consolidação de espaços de vivência autônoma da cidade vizinha (Goiânia).

A partir da década de 1990, o espaço urbano de Aparecida de Goiânia começou a sofrer transformações ligadas ao seu desenvolvimento sócio-econômico. A busca de correção da fragmentação aparecidense anseia por maior integração e desenvolvimento endógeno do município. As centralidades que vêm surgindo em Aparecida de Goiânia são a síntese da demanda interna de desenvolvimento econômico. São centralidades que se construíram, ou vêm se construindo de forma espontânea e desorganizada. São centralidades de comércio e de serviços na sua maioria, sendo pouco dotadas de serviços públicos de qualidade. A condição de abandono e descaso que marcou o passado de Aparecida de Goiânia condiciona a organização do seu espaço intra-urbano atualmente.

Por outro lado, a preocupação por parte do poder público em regular o espaço urbano municipal mostra-se como uma iniciativa importante, pois abre portas para demais iniciativas de desenvolvimento. Os administradores começaram a perceber a necessidade de se regular, planejar e fomentar o desenvolvimento urbano para que se tenha um município mais equilibrado e menos desigual.

Notas

¹ Os teóricos pós-estruturalistas e pós-colonialistas, dentre os principais, Derrida (1994), Deleuze e Guatarri (1994), Hall (2006), Glissant (2005), Bhabha (1998), entre outros, enfatizam o poder das margens e das minorias, e debatem com afinco a questão da marginalidade e das centralidades, do estar incluído e excluído, do poder local e global e propõem uma contribuição às discussões

sociais que prezam o debate entre o delicado jogo de relações existente entre os distintos atores sociais. Longe dos modismos que se seguem dessas leituras, esse trabalho encara como fundamentais as contribuições dos teóricos acima citados, por outro lado, buscando ver o papel da emergência das minorias fora da esfera de análise romântica.

² Optou-se também por utilizar o termo centralidades para demonstrar as várias centralidades, subcentros e eixos de comércio que vem surgindo em Aparecida de Goiânia. Os pólos empresariais e industriais que se fortalecem estão ligados à dinâmica regional, porém acionam territórios e dinamizam a economia doméstica do município, promovendo a reprodução de centralidades intra-urbanas.

³ Padilha (2006, p. 75), conceitua os shoppings de vizinhança, aqueles dotados de caráter local e que estão voltados a um respectivo público alvo. Esse tipo de shopping é “projetado para fornecer conveniência na compra das necessidades do dia-a-dia dos consumidores. Tem como âncora um supermercado. A âncora tem o apoio de lojas oferecendo outros artigos de conveniência.” No caso do Free Center, ele tem como objetivo atender os condomínios horizontais que se localizam na sua proximidade.

⁴ Todas as atividades comerciais, de serviços e industriais identificadas nesse trabalho foram pelo método de inúmeros trabalhos de campo. Os mapas de uso do solo e de influência das centralidades também são fruto de trabalhos de campo. Utilizou-se essa metodologia no intuito de ter resultados mais concretos, do que os dados secundários. A coleta de dados realizada na centralidade Vila Brasília apresentou maior quantidade de atividades econômicas. Porém, foi realizada uma contagem de todas as atividades econômicas da centralidade. Na centralidade Garavelo, diferente da Vl. Brasília, só foi contada as atividades econômicas do Anel Viário, da GO – 040 e da Avenida Igualdade. Nesse sentido, a centralidade Garavelo é a maior centralidade da cidade, em número de atividades econômicas.

⁵ Arimatéia (2003) e no Jornal Diário da Manhã de 14/10/2005 na matéria intitulada *O fim da terra do nem* está contida a informação de que o então governador Marconi Perillo e os prefeitos Pedro Wilson e Ademir Meneses definem novos marcos divisores entre os municípios de Goiânia e Aparecida de Goiânia. Nessa nova divisão a quadra 70 e 80 do setor Garavelo B em Goiânia passa a fazer parte de Aparecida de Goiânia, sendo os dois lados da GO – 040 responsabilidades da administração do poder público aparecidense.

⁶ Segundo matéria disponível no site <http://www.aparecidanet.com.br> (17/06/2007), elaborada por Rafael Alencar, o Secretário Municipal de Educação Alerandre Gonçalves afirma ser o principal projeto efetivado pela Secretaria de Educação é o “Ame Mais Aparecida”, lançado em outubro de 2005, tem como objetivo conscientizar a população da valorização do Município, por preservar

o patrimônio público, preservação do meio ambiente e a valorização do comércio local.

Referência Bibliográfica

- ARIMATÉIA, M. **Terra do nem** – uma fronteira de interesses. Goiânia: UCG, 2003.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CORRÊA, R. L. Interações Espaciais. In: Org. Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes e Roberto Lobato Corrêa. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- CORRÊA, R. L. O espaço urbano**. In: _____. **Trajelórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, J. Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DIÁRIO DA MANHÃ, Jornal. **O fim da “terra do nem”**. (14/10/2005).
- GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- HALL, S. **Quando foi o pós-colonial? Pensando o limite**. In: _____. **Da diáspora, identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, p. 95 – 120.
- LE GOFF, J. & SCHIMITT, J. C. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2006.
- O PARLAMENTO, Jornal. **Aparecida é a cidade do interior que mais gera empregos**. (12/06/2008).
- PADILHA, V. **Shopping center** – a catedral das mercadorias. São Paulo: Boitempo, 2006.
- PINTO, J. V. C. **Reestruturação intra-urbana de Aparecida de Goiânia: o impacto da implantação do Buriti Shopping e a formação de uma nova centralidade na Avenida Rio Verde**. 2006. 110. f. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2006.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RIBEIRO, L. C. de Q. **O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade**. Rio de Janeiro: Revan:

FASE, 2000.

SOUZA, M. L. de. **O desafio metropolitano**: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SPOSITO, M. E. B. Gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Território**. Rio de Janeiro: UFRJ, ano III, n. jan./jun. 1998. p. 40 – 59.

TRIBUNA NO PLANALTO, Jornal. **Aparecida não é mais de Goiânia**. (12/07/2008).

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

Trabalho enviado em junho de 2009.

Trabalho aceito em agosto de 2009.